

DOI: [10.20396/rfe.v14i3.8673624](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i3.8673624)

## Indústria cultural e formação humana: reflexões a partir da perspectiva da teoria crítica

Samoel Cordeiro de Souza Primo<sup>1</sup>Luciane Neuvald<sup>2</sup>

### Resumo

Este estudo explora o embate entre indústria cultural e formação humana pela ótica da teoria crítica. Usando metodologia bibliográfica, explora educação, formação, indústria cultural, capitalismo e emancipação. Destaca o impacto dessa indústria na formação pessoal, enfatizando o papel educativo no avanço civilizacional. Salienta a criticidade e autorreflexão como antídotos à barbárie. A teoria crítica realça a necessidade de pensamento filosófico para o esclarecimento. Defende a educação para a emancipação como essencial na sociedade capitalista. Reconhece limites e a surgimento de novas questões além desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Formação Humana. Indústria Cultural; Teoria Crítica.

### Resumen:

Este estudio explora el conflicto entre la industria cultural y la formación humana desde la óptica de la teoría crítica. Utilizando metodología bibliográfica, aborda educación, formación, industria cultural, capitalismo y emancipación. Destaca el

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Graduado em Pedagogia: Docência e Gestão Educacional pela mesma universidade. Especialista em Interdisciplinaridade e Docência na Educação Básica pelo Instituto Federal do Paraná - IFPR (2018 - 2019). E-mail: [samoelcordeirosouza@gmail.com](mailto:samoelcordeirosouza@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação Pública pela Universidade Federal do Mato Grosso. Doutora em Educação Escolar - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Araraquara). Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/Guarapuava). Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade, Formação, Cultura e Tecnologia. E-mail: [luneuvald@terra.com.br](mailto:luneuvald@terra.com.br)

impacto de esta industria en la formación personal, enfatizando el papel educativo en el avance civilizatorio. Subraya la importancia de la crítica y la autorreflexión como contrapesos a la barbarie. La teoría crítica resalta la necesidad de un pensamiento filosófico para la iluminación. Defiende la educación para la emancipación como esencial en la sociedad capitalista. Reconoce límites y la aparición de nuevas cuestiones más allá de esta investigación.

**Palabras clave:** Formación Humana. Industria Cultural; La teoría crítica.

## Introdução

Este texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo principal é apresentar uma reflexão, sob a ótica dos estudos da teoria crítica, sobre a relação indústria cultural e a formação humana. Baseado na teoria crítica dos frankfurtianos, o estudo destacou duas tendências na formação do sujeito: uma voltada para o contexto da globalização e do mercado de trabalho, e outra direcionada à emancipação humana, ambas com objetivos opostos.

A teoria crítica, enquanto campo teórico, permite a reflexão e compreensão de diversas questões relacionadas com a formação humana. Acredita-se que a educação desempenha um papel importante no processo histórico e civilizatório. No entanto, as reformas educacionais em vigor no Brasil<sup>3</sup> não levam em consideração as especificidades dos sujeitos. É necessário pensar na formação que a sociedade almeja para a população, principalmente, quando se refere a formação para a autonomia. Portanto, a discussão e os estudos sobre a educação emancipatória podem ser vistos como um caminho para evidenciar suas potencialidades.

Há uma necessidade de aprofundamento teórico-metodológico sobre a interação entre a indústria cultural e a formação humana, especialmente no contexto

---

<sup>3</sup> Reformas educacionais como a Reforma do Ensino Médio, implantação da BNCC – Base Nacional Comum Curricular entre outras.

da pandemia, tema cada vez mais presente nos estudos acadêmicos, sobretudo após 2020. As reflexões de Adorno e Horkheimer levam a compreender que a formação cultural (*Bildung*) está direcionada para o desenvolvimento dos processos subjetivos e da formação humana, buscando a emancipação e a autorreflexão. No entanto, a formação cultural tem sido reduzida à semiformação (*Halbbildung*), que transforma o processo educativo em adaptação, em vez de converter o processo formativo em emancipação. Isso quer dizer que a educação tem se adaptado as condições impostas pelo capitalismo, reduzindo a autorreflexão dos indivíduos. Como consequência desse processo de semiformação, há uma redução do pensamento crítico, que se adapta aos padrões da indústria cultural. Essa dinâmica demonstra a hegemonia imposta pelo capitalismo na sociedade moderna.

Os princípios deste estudo enfatizam a importância da luta contra a barbárie, pois a formação, quando permeada por desigualdades, resulta na semiformação, que potencialmente pode levar a situações bárbaras, tanto em aspectos materiais quanto humanos. Esse fenômeno está em ascensão na sociedade contemporânea, mas transcende esse período histórico da civilização humana. A preocupação está relacionada em torno do destino da cultura e dos processos educacionais que buscam a humanização em oposição à barbárie. É necessário impedir o avanço da barbárie para garantir a sobrevivência humana. Nesse sentido, a formação cultural contra a hegemonia do capitalismo e da igualdade demonstram ser cruciais.

A base teórica para este estudo fundamenta-se nas obras dos seguintes autores: Adorno, Horkheimer, Marcuse, Pucci, Zuin, entre outros. A estrutura do texto compreende duas partes: a primeira aborda a dialética do esclarecimento, enquanto a segunda discute a indústria cultural, a partir das reflexões advindas da teoria crítica. Conclui-se que as reflexões são necessárias, pois é por meio da educação que a humanidade encontrará possibilidades de enfrentar e superar a barbárie.

### **A dialética do esclarecimento**

Esta seção tem o objetivo de apresentar o conceito de esclarecimento para Adorno e Horkheimer (1985), teóricos que influenciaram no desenvolvimento de

estudos acerca dos processos formativos fundamentados em estudos da teoria crítica. Para a compreensão dos processos formativos e a influência da indústria cultural na educação faz-se importante conhecer alguns conceitos que auxiliam no entendimento. Inicialmente mencionamos a obra “*A Dialética do Esclarecimento*” de Adorno e Horkheimer (1985) na qual expõem importantes elementos dos estudos da teoria crítica e do estudo em pauta.

Refletir sobre a formação humana e a influência da indústria cultural é importante para que se compreenda como se relacionam com os processos educativos na sociedade contemporânea. Já em meados da década de 1980 Adorno e Horkheimer trouxeram reflexões para compreender a conjuntura da sociedade e explicar o mundo de forma racional. Nesta perspectiva Adorno e Horkheimer (1985) destacam que o esclarecimento é fundamental para a sociedade. Desde os tempos mais remotos o homem buscou dominar as forças naturais e com o tempo o homem destruiu o animismo, ou seja, pressuponha retirar à alma, o espírito, a sensibilidade. Buscava a natureza exterior, ou seja, aquilo que cerca o homem voltou-se para a própria natureza interior. Isso quer dizer que controlou a repressão de seus desejos e impulsos, conseguiu abstrair a realidade, com o pensamento nominalista.

Adorno e Horkheimer (1985) destacam que a razão não fez nenhum pensamento autorreflexivo sobre si, ela foi operatória e funcionalista voltada mais para a adaptação do que para a emancipação (pensamento regressista). Assim o pensamento regressista é bastante coerente quando se trata da indústria cultural, cuja essência está a serviço da economia, da perda da autocrítica. Possui um pensamento amoral, ou seja, que se distancia do pensamento moralista.

Outro conceito fundamental para compreender a essência deste texto é sobre a teoria do antissemitismo, a qual configura-se como um pensamento ficcista, paranoico com a ausência de empatia, ou o divórcio entre o sujeito e o objeto. Visão muito presente no esclarecimento burguês, que se afasta de sua realidade. Como exemplo disto pode se destacar a exacerbada valorização dos componentes curriculares de língua portuguesa e matemática. Consequentemente deixa vaga o espaço das linguagens artísticas. O currículo por si próprio já é disciplinar, que

poucas às vezes os estudantes conseguem aprender por temáticas ou áreas afins podendo relacionar diferentes objetos de aprendizado. A filosofia e sociologia estão sendo desvalorizadas do currículo escolar, como demonstra Silva (2007).

A razão tem se tornado cada vez mais formal, mais instrumental, abstrata, que antecipa tudo e está a serviço da operação e não da emancipação humana. Na indústria cultural a razão se volta para o desejo do inconsciente e da realização, de possuir tudo o que está nos meios sociais para que o indivíduo se sinta realizado. Assim sendo a racionalidade busca se adaptar e de se submeter às necessidades interiores dos sujeitos. É uma falsa projeção destituída de conteúdo concreto.

O termo indústria cultural é alvo de estudos de diversos teóricos como, por exemplo, Zuin (2009). Para a compreensão deste conceito faz-se necessário entender a indústria no mundo da produção, do consumo, de mercado e cultura no mundo espiritual, da transcendência, da liberdade. A cultura escapa da lógica material, isto é, conserva e busca a perspectiva da emancipação. Na indústria cultural percebe-se uma falsa integração social. Esta proposição da indústria cultural é de que os indivíduos participam dos bens de consumo, o que na realidade é muito distante. A indústria cultural possui o poder de se diversificar criando novos produtos. Com isso se tem o enfraquecimento da subjetividade<sup>4</sup>, pois o sujeito tende a não ser pensante e ser manipulado pelos ideais das classes dominantes.

Para Adorno e Horkheimer (1985) o interesse coletivo deve-se sobrepor ao interesse individual, diferente do que a indústria cultural impõe a sociedade. Raras são as vezes que isso acontece. Na escola, por exemplo, acontece ao contrário. A organização escolar já é classificada por temas ou disciplinas. Possui uma razão esquemática, não se pensa em aprender por temas, mas sim de forma isolada em cada componente curricular e não como um todo. Esse processo de razão é esquemático e totalitário (ADORNO & HORKHEIMER, 1985). No processo burguês ela é patriarcalista. É possível compreender que a civilização é composta

---

<sup>4</sup> Por subjetividade na perspectiva da indústria cultural se entende que é a forma pela quais as pessoas são influenciadas, moldadas e até mesmo direcionadas pelos produtos culturais produzidos pela sociedade em massa. Essa manipulação da subjetividade acontece principalmente pelos meios de comunicação.

da anticivilização e da barbárie, pois a razão se apresenta como autocrítica com o pseudoindivíduo de escolha e autonomia.

A indústria cultural tenta reconciliar as coisas irreconciliáveis através da mercantilização da cultura e seguindo os padrões capitalistas, na qual busca a produção em série. Procura encontrar um ponto de convergência para poder vender e conciliar o todo e as partes. A indústria cultural consegue explorar o trabalho além do tempo de trabalho, e encontra neste uma forma de organizar a sociedade. Assim o esclarecimento, conforme apresenta Adorno e Horkheimer é elemento importante para que as pessoas não se influenciem pelo apresentado nos meios de comunicação, padrões de manipulação da indústria cultural

A indústria cultural se distancia e diverge da arte. Sobrevive da autonomia e da publicidade, o que não é comum nas artes. A indústria cultural elabora e lança seus produtos ao mercado com o intuito de disseminar o pensamento da classe burguesa, e com isso tira a espontaneidade da cultura popular. Dá-se a ideia de pertencimento dos indivíduos. Neste sentido o esclarecimento, conforme aponta Adorno e Horkheimer são elementos essenciais para a compreensão de que a sociedade não seja manipulada. Absorve a espontaneidade do sujeito e seduz os indivíduos através de seu inconsciente, ou seja, é ilusória apresenta seus disfarces, traduzindo-se na impotência dos sujeitos. Está onipresente e estabelece um perfil sobre nós mesmos, trabalhando com a questão da descontextualização.

O antissemitismo é outro importante elemento neste estudo para compreender como o esclarecimento é importante para que as pessoas não sejam iludidas pelos ideais da indústria cultural. O antissemitismo foi criado em 1881, que quer dizer a prática de aversão ao judeu e é mais antigo que a própria oficialização. Possui dois fundamentos centrais: o racismo, baseado na teoria do eugenismo (raça suprema) e o outro baseado na teoria liberal. Ambos os conceitos se distanciam do esclarecimento, pois o esclarecimento possui como base a razão e o conhecimento como forma de combate a opressão e a dominação.

O antissemitismo se apresenta como um pretexto sem base concreta. Os judeus, era um povo itinerante, visto por muitos como o povo errante sob a quais outras camadas almejavam ter a dominação. Outra característica marcante do

antissemitismo é que possui uma função ideológica, ou seja, ele é um disfarce o que se percebe até no processo de civilização ficou marcado pela anuidade da identidade (ADORNO & HORKHEIMER, 1985).

O antissemitismo tem a necessidade do controle daquele que foge do padrão, do ordenamento. É útil a dominação e é também um ritual da civilização. As vítimas do antissemitismo mudam com o tempo, não são apenas os judeus. As vítimas são intercambiáveis. O antissemitismo se caracteriza pela impotência a reflexão. É a regressão ou ausência da autocrítica. O indivíduo é movido pela razão de seus sentimentos.

Essas reflexões levam a compreender que o poder e suas relações é um ponto bastante incessante e que representa uma lógica da classe dominante. O capitalismo utiliza-se de diferentes formas de poder, sobrevivendo à exploração das pessoas. O poder pode se instaurar em diferentes espaços como, por exemplo, na religião e o trabalho. Se a sociedade promovesse a autorreflexão não seríamos tão suscetíveis a impulsos as diferentes formas de poder. A necessidade de poder se apropria das pessoas. O antissemitismo utiliza-se das histórias das pessoas pra gerar o medo e manter o poder sobre elas. Tratados dos elementos que envolvem o esclarecimento, passaremos então a tratar da indústria cultural e formação humana, com fundamentos nos estudos da teoria crítica.

### **Indústria cultural e formação humana: reflexões a partir da teoria crítica**

Este texto por objetivo promover uma reflexão sobre o paradoxo existente entre indústria cultural e formação humana, tendo como base as reflexões provenientes da Teoria Crítica. Por Teoria Crítica entende-se que é uma concepção do pensamento filosófico, baseado em uma interpretação ou abordagem materialista (marxista) caracterizada por estudos relevantes, pertinentes e fundamentadas em dois princípios da teoria social: o comportamento crítico e sua orientação para a emancipação. Trata também de outros estudos relacionados à sociedade industrial, fenômenos sociais contemporâneos, educação etc. Entre seus principais seus principais autores destacam-se: Adorno, Horkheimer, Marcuse, Pucci e Zuin.

A teoria crítica engloba as premissas dos legados dos pensadores Frankfurtianos, os quais compreendem a sociedade e os processos formativos com base na emancipação e criticidade. Ao se aprofundar no estudo da indústria cultural, as contribuições iniciais mais precisas encontram-se em obras de Adorno (1903-1969) e Horkheimer (1885-1973), cujo termo “indústria cultural” encontra-se prescrito pela primeira vez na obra *a dialética do esclarecimento*. Horkheimer (1991) menciona uma concepção acerca da teoria crítica:

A teoria crítica da sociedade [...] tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não é para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela. Os objetos e a espécie de percepção, a formulação de questões e o sentido da resposta dão provas da atividade humana e do grau de seu poder. (HORKHEIMER, 1991, p. 69).

A partir do pensamento filosófico da teoria crítica, pretende-se refletir sobre o processo de formação. Considerar a formação humana em uma sociedade capitalista exige reflexão e exercício do pensamento, pois percebe-se que está muito ausente a formação e prevalece a semiformação, caracterizada pela consciência regressiva e formação generalizada (ADORNO, 2010).

O contexto atual é marcado por reformas educacionais, que se iniciaram principalmente a partir da década de 1990 no Brasil, impulsionadas pela crescente influência das progressivas políticas neoliberais. Como exemplo das políticas neoliberais pode ser citado a implantação da Base Nacional Curricular (BNCC), que direciona o foco dos componentes curriculares mais técnicos como a língua portuguesa e a matemática. Esses componentes curriculares são importantes, mas as demais áreas do conhecimento também precisam ser valorizadas pelas políticas educacionais, como a filosofia e a sociologia, que são componentes curriculares que desenvolvem reflexões sobre as mais variadas temáticas, levando os indivíduos a refletirem, para atuar de maneira crítica na sociedade.

No livro “*A Dialética do Esclarecimento*”, Adorno e Horkheimer (1985) apresentam as primeiras referências da formação e semiformação, sendo denominadas como “semicultura”. Os autores exploram esses conceitos ao analisar os elementos do antissemitismo<sup>5</sup>. Nesta obra, destacam a necessidade do exercício do pensamento, capaz de promover a emancipação através da formação crítica, mas a alienação a indústria cultural é uma das principais causas que impedem uma formação total e emancipatória do sujeito. A influência da indústria cultural é um fator determinante da formação humana, que interfere, principalmente através do uso das tecnologias e das redes sociais. Estas manipuladas por sujeitos sem formação específica, exercem um impacto significativo nos processos formativos.

Adorno e Horkheimer (1985) realizam uma crítica à sociedade de mercado que seguem a lógica do sistema capitalista e da indústria cultural, destacando a falta de consideração pelos elementos emancipatórios dos indivíduos e pela busca por sua formação. É nessa dinâmica que a indústria cultural atua como obstáculo a formação dos indivíduos e à sua capacidade de educar aos outros. A indústria cultural dá a percepção de que tudo está sobre controle e não abre espaço para a formação das pessoas. Na sociedade capitalista a indústria cultural busca moldar a consciência da sociedade de massa. Para Adorno e Horkheimer (1985) a forma de chegar à formação é através do esclarecimento.

Para Adorno (2010), existe uma tendência predominante na semiformação, na qual o conteúdo da cultura é simplificado e neutralizado dentro de uma sociedade totalitária onde o todo exerce influência nas partes. A semiformação baseia-se no realismo e se deixa levar pela exterioridade, resultando na perda do seu potencial formativo. Para Adorno (2010), a formação está intrinsecamente ligada a cultura, porém o que se tem na sociedade é uma cultura transformada pelo valor em mercadoria, que se molda pelos valores de consumo, que é captada sem o esforço do raciocínio e pensamento reflexivo.

Com relação à semiformação, analisou-se que:

---

<sup>5</sup> O antissemitismo pode ser compreendido como corrente ou atitude política adversa aos povos semitas, principalmente aos judeus.

Compreende-se o conceito semiformação justamente pela tentativa de oferecimento de uma formação educacional que se faz passar pela verdadeira condição de emancipação dos indivíduos quando, na realidade, contribui decisivamente tanto para a reprodução da miséria espiritual como para a manutenção da barbárie social. E o contexto social no qual a barbárie é continuamente reiterada é o da indústria cultural hegemônica. (ZUIN, 2000, p. 10).

Conforme Marcuse (1999), a cultura não se alinha com o mundo e busca resistir às determinações das necessidades impostas, mas sim, possui uma dimensão de transcendência e crítica à semiformação, buscando trazer ideias que represente as verdadeiras maneiras de formação do indivíduo que seja emancipado, capaz resistir aos princípios inculcados pela sociedade capitalista. A semiformação não exige uma disciplina intelectual dos sujeitos, impedindo a reflexão. É mecânica, faz com que os indivíduos não promovam uma reflexão crítica, omitindo questionamentos das proposições capitalistas. A própria pandemia provocou no homem uma necessidade de reflexão e autorreflexão, enquanto algumas soluções abertas à possibilidade da barbárie.

O processo de formação humana ocorre em diferentes ambientes, tantos formais quanto informais. Com o desenvolvimento da sociedade a cultura foi envolvida pelos fetichismos de mercadorias (HORKHEIMER, 2002). Tornou-se banalizada e vista como um produto frente aos processos de avanço do capitalismo. As condições sociais que emergiram não possibilitaram uma formação abrangente aos indivíduos, até mesmo as condições de trabalho não favoreceram a humanização do ser.

A semiformação emerge para substituir e ocupar o lugar da formação, porém a semiformação, entretanto perde sua capacidade de se autorrefletir ao se basear em produtos industriais padronizados, que já prevê a reação do consumidor. Na educação não é diferente, pois a tendência de uma formação generalizada, onde o estudante recebe informações prontas, não faz o exercício do pensamento crítico.

Isso contribui significativamente para a semiformação da população em massa (ADORNO, 2010).

A semiformação é um elemento que se caracteriza pela barbárie, ou seja, pela ausência da reflexão crítica, fazendo com que o indivíduo perca sua autodeterminação (ADORNO, 2010). Esta perspectiva está presente em Adorno e Horkheimer, discutidas no “*A dialética do esclarecimento*” (1985) quando explora o antissemitismo. As reflexões permitem compreender que o indivíduo perde a capacidade de refletir sobre si mesmo e, conseqüentemente sobre os outros. Isso abre margem ao inconsciente, enquanto o princípio de realidade se torna mais sufocado e obscuro, sendo incapaz de promover uma crítica ao sistema.

Nesse contexto, a semiformação se aproxima da barbárie, pois não consegue refletir sobre o mundo e busca fixar suas ideias, sem considerar outras perspectivas e por fim rejeitando os princípios da contrariedade. Muitos indivíduos aparentemente passaram por um processo de “anestesiamento social<sup>6</sup>”, cujo exemplo visível deste processo se deu no período da pandemia do Covid 19 (a partir de 2020). Por exemplo, ao se limitarem a um único telejornal na televisão e não buscarem outras fontes, aceitam aquilo como verdade absoluta procurar sem aprofundar-se ou compreender a realidade mais amplamente.

No período de pós-pandemia e isolamento social é necessário que os estudantes e professores percebam as mudanças que acontecem na sociedade e sejam capazes de refletir e de autorrefletir sobre tudo o que acontece, que sejam capazes de refletir e autoavaliar criticamente tudo o que é veiculado pelas mídias, mas que consigam entender o movimento que acontece na sociedade através de uma análise crítica.

A semiformação, caracterizada por Adorno (2010), como totalitária transita por todas as esferas da sociedade, e a tecnologia promove esta lógica, pois a tecnologia pode estar aliada a formação, assim como pode estar aliada ao serviço

---

<sup>6</sup> O anestesiamento social, conceito bastante utilizado entre os pensadores da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Max Horkheimer, refere-se à condição em que a sociedade se encontra num estado de dormência, apatia ou insensibilidade em relação aos problemas, injustiças e questões que a cercam.

das relações de produção. Pensar uma formação humana na sociedade capitalista, mesmo em períodos de pandemia, é uma tarefa racional e complexa, pois a formação exige uma continuidade do processo formativo enquanto a semiformação e estabelece a contrariedade deste princípio de forma simplificadora e descontextualizada.

Assim, o anestesiamiento social se relaciona com a cultura de massa e à indústria cultural, ou seja, quando as pessoas estão “anestesiadas”, tornam-se insensíveis ou indiferentes aos problemas sociais, políticos e éticos que deveriam motivar a ação e a mudança. A semiformação promove uma falsa formação, rápida, sem continuidade. Neste sentido concorda-se com Adorno (2010) ao afirmar:

A formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. Contraditoriamente, no entanto, sua relação com uma práxis ulterior apresentou-se como uma degradação a algo heterônomo, como percepção de vantagens de uma irresolvida *bellum omnium contra omnes*. (ADORNO, 2010, p. 13).

Conforme Adorno (2010) a formação possui dois aspectos principais sendo eles: aspecto adaptativo e aspecto emancipatório. Estes aspectos propõem a autonomia e a autorreflexão crítica, mas que também envolvem uma tensão entre realidade e pensamento, por consequência também geram a tensão entre a adaptação e emancipação. A formação humana, mesmo em período pandêmico deve resistir ao ficcismo, uma vez que a cultura é a apropriação subjetiva da realidade, que tem a capacidade de se confrontar com os posicionamentos da realidade. O segundo aspecto, da emancipação, é aquele que possibilita escapar da factualidade, comportando a autocrítica e autorreflexão, cujas características são indispensáveis para o desenvolvimento da autodeterminação e do processo emancipatório.

A dificuldade de uma formação orientada para a emancipação deve-se ao fato das reformas sociais. Isto é, das descontinuidades, e principalmente pelas reformas que nem sempre promovem a busca pelo desenvolvimento da criticidade nas escolas. Se tem poucas reformas educacionais que dão sequência aos processos formativos. Isto acontece porque o Estado brasileiro é marcado pelas ideologias e rupturas, nas mais diferentes esferas de poder. A formação propõe e exige a continuidade, caso contrário ela perde seu essencialismo e se deturpa na perspectiva de semiformação. Notavelmente, nas últimas décadas, principalmente com os movimentos do liberalismo e neoliberalismo, a semiformação tem sido predominante, pois as próprias políticas educacionais mudam constantemente, e acontece a formação incompleta, de forma rápida e sem continuidade. Adorno (2010) corrobora com a discussão ao descrever que:

A formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. (ADORNO, 2010, p. 13).

A sociedade industrial e seus mecanismos têm influenciado diretamente na condição de formação, que tem se tornado mais restrita, e voltada para a adaptação e não para a emancipação. As práticas de formação falham em instigar o indivíduo a uma autorreflexão e bases das razões humanas não tem sido fundamentada no esclarecimento. Com isto presente, a educação fragiliza o processo de formação humana e abre espaço para a semiformação. (ADORNO, 1996). Na sociedade capitalista, a cultura configura-se como um mero objeto, e disso resulta a massificação, ausência de liberdade e empobrecimento de espírito. Para Marcuse, (1999) a cultura assume caráter afirmativo, como descreve:

Por cultura afirmativa entende-se aquela cultura que pertence a época burguesa e no decorrer do seu próprio desenvolvimento conduziu a separação

entre o mundo anímico-espiritual enquanto reino independente de valores, e a civilização colocando aquele por cima desta. Seu traço característico é a afirmação de um mundo valioso, obrigatório para todos, que há de ser afirmado incondicionalmente e que é ternamente superior, essencialmente diferente do mundo real de luta cotidiana pela existência, mas que todo indivíduo ‘a partir de sua interioridade’, sem mudar os fatos pode realizar por si mesmo. (MARCUSE, 1979, p. 192).

Na sociedade industrializada, a cultura se converte na forma da indústria. Assim sendo, a indústria cultural passa a ser o objeto central da formação. Neste contexto a indústria cultural exclui o diferente e original e se universaliza em mercadoria. Nesta sociedade a formação é apenas uma promessa, “contudo, a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 1996, p. 410).

A autorreflexão destacada por Adorno (1996) torna-se um elemento necessário e fundamental para tratar da formação, pois como se pode verificar na sociedade capitalista a formação está voltada para o mundo do trabalho, que por sua vez se transforma em mercadoria. A autorreflexão crítica auxilia o indivíduo a tornar-se consciente, mas sua ausência contribui para a acomodação e fortalecimento do pensamento regressivo.

A formação humana é resultado de processos informais ou de processos intencionais organizados e planejados, como por exemplo, a escola. Entretanto esta instituição pode ser espaço privilegiado dos processos de semiformação, pois apresenta traços da formação social burguesa, com caráter conservador. Isso pode levar a acreditar que a escola tem como uma de suas premissas a organização para a semiformação valorizando a adaptação e o controle, menos o aspecto de formação que promova a reflexão e a crítica

A adaptação não ultrapassa a sociedade, que se mantém cegamente restrita. A conformação às relações se debate com as fronteiras do poder. Todavia, na vontade de se organizar essas relações de uma maneira digna de seres humanos, sobrevive o poder como princípio que se utiliza da conciliação.

Desse modo, a adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. E essa consciência falsa amalgama-se por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito. (ADORNO, 1996, p. 390-391).

No contexto escolar de formação o professor é responsável por fazer a mediação entre estudante e sociedade. Importante que essa mediação não comprometa o desenvolvimento do pensamento crítico, pelo contrário, deve ser fomentado por meio de uma formação cultural que promova o estímulo à reflexão e autorreflexão. É por meio da educação esclarecedora que é capaz de romper os vínculos com a razão instrumental. O sujeito estudante e professor devem sempre estar pautado nos princípios do esclarecimento, caso contrário é provável que caiam na barbárie. Adorno (1995) evidencia:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação à sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos tempos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza. (ADORNO, 1995, p. 155).

A formação enfrentou a crise da semiformação, pois a “a semiformação não se caracteriza como um meio caminho à formação e sim como um empecilho à formação” (PUCCI, 2018, p. 04). O aparelho tecnológico digital favorece e amplia o processo de semiformação. Essa tendência, como descrita por Adorno (1995) está fortemente presente nas concepções da sociedade e a tendência é que ela aumente se os processos formativos não forem capazes de promover a educação crítica e

consciente, pois a indústria cultural interfere influenciando a massificação da sociedade. A semiformação é tendenciosa ao promover a alienação. Isto porque a semiformação pode promover um conhecimento superficial ou parcial, que rompe com o conhecimento crítico e completo da realidade. A fragmentação do conhecimento limita sua ascensão em relação a assuntos complexos.

A influência da indústria cultural nos dias atuais é inegável. Os meios digitais e *marketing* acentuam seu poder dominador sobre a população de massa. Neste surgem questionamentos: Como garantir espaços para a emancipação na formação dos indivíduos? Como a internet e canais televisivos buscam alienar os sujeitos? Promovem consecutivamente a pseudoformação? A proposta de reflexão não se opõe ao uso das tecnologias, mas à forma como são utilizadas para disseminar ideologias de semiformação. A padronização presente na semiformação e na indústria cultural uniformiza comportamentos e pensamentos, alienando a capacidade crítica de formação. Adorno (1995) ressalta que:

(...) o agente dessa alienação é a autoridade do professor, e a resposta a ela é a apreensão negativa da imagem do professor. A civilização que ele lhes proporciona, as privações que lhes impõe, mobilizam automaticamente nas crianças as imagens do professor que se acumularam no curso da história. (ADORNO, 1995, p. 112).

A educação não pode ser alienada, tampouco deve ser instrumento da indústria cultural. A alienação está fortemente presente na formação dos indivíduos, que causa a semiformação, evidenciada pela comercialização e pela banalização dos bens culturais. Adorno e Horkheimer (1985) apontam que é característico da sociedade capitalista promover a alienação entre o ser humano e suas condições de vida. Uma das principais formas de alienação e exploração se dá através do trabalho, pois, “ao se tornar mero instrumento da indústria cultural, a educação se afastou de seu objetivo principal, que é incentivar a capacidade de reflexão e o domínio do conhecimento” (MARINS, 2012, p. 15). É neste intuito que o autor

ainda afirma que “assistimos a uma atrofia progressiva da autorreflexão e do domínio pleno do conhecimento” (MARINS, 2012, p. 15).

A escola nem sempre consegue promover uma formação crítica que seja capaz gerar a formação. Em muitos casos, algumas instituições escolares priorizam a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, relegando o pensamento e a reflexão para um segundo plano. O raciocínio é pouco estimulado, pois se procura absorver respostas prontas e um conhecimento fragmentado, com foco na aprovação em testes e bom rendimento nas avaliações desenvolvidas em larga escala. Fica assim evidente que a “falta perspectiva e projeto de vida; desinteresse pela formação; visão utilitarista da educação; dentre outros” (MARINS, 2012, p. 15). A formação mencionada diz respeito a formação escolar, relacionada ao mundo do trabalho e aos objetivos das metas das avaliações em larga escala.

A compreensão de que “a indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto de desejo [...] não há nenhuma situação erótica que não seja a alusão e excitação” (ADORNO & HORKHEIMER, 1986, p. 131). Esta possui forte influência nos processos de formação, fazendo com que as pessoas se tornem reféns, buscando aquilo que é rápido e que já vem pronto sem precisar pensar para ter as respostas do que lhes é indagado.

A indústria cultural exerce sua influência diretamente sobre a escola e os processos de formação submete os indivíduos através da manipulação. Para isso, utiliza os veículos de comunicação, que estão carregados de ideologias das classes dominantes. A ideologia da indústria cultural busca a adaptação, que tudo transforma em mercadorias, seduz as pessoas, apresenta uma realidade distorcida, fetichizada e caracterizada por elementos bárbaros.

Os comerciais de televisão desempenham papel fundamental em disseminar a ideologia da indústria cultural<sup>7</sup>. É possível que as pessoas percebam o que a indústria cultural tenta colocar como verdadeiro, principalmente com o desenvolvimento da tecnologia. As mídias digitais facilitaram que muitos se

---

<sup>7</sup> Refere-se principalmente a padronização de desejos e necessidades, reforço de estereótipos e valores culturais e promoção da cultura do imediatismo e descarte.

colocassem como formadores de opinião, ou ainda, mesmo sem embasamento se colocam como formadores, corroborando para a semiformação da sociedade de massa. Neste sentido, concorda-se ao afirmar que:

(...) enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isso ela precisa se libertar dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie. (ADORNO, 1995, p. 116-117).

Pucci (1997) promove uma reflexão bastante pertinente para entender o processo de formação e semiformação. Para o autor é necessário entender dois pontos fundamentais na educação contemporânea. O primeiro aspecto a ser questionado é “como o capitalismo educa/forma seus reprodutores/clientes através da negação da formação cultural” (PUCCI, 1987, p. 85). Neste sentido faz-se necessário entender que o capitalismo está à disposição para a formação do mundo do trabalho e não para a formação do sujeito crítico e reflexivo, por isso nega as diferentes formas de culturas e utiliza dos meios tecnológicos para alienar o sujeito.

Outro aspecto importante a se refletir é sobre “como, a partir da semiformação generalizada, se resgatar a *bildung* (cultura/formação cultural) para os construtores da sociedade em que vivemos?” (PUCCI, 1987, p. 85). Neste contexto, Pucci (1987) direciona sua crítica à formação a partir da indústria, com características generalizadas, pois o que se observa no processo de formação são cursos rápidos, com ausência do pensamento crítico. Assim não se consegue chegar aos princípios de educação democrática, aprendizado pleno e emancipatório da sociedade. A semiformação, entendida nesta conjuntura se limita a exposição da ideologia das classes dominantes.

O próprio currículo orientador da educação no Estado brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) para a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio é exemplo de proposta de semiformação. Como denota Pucci (1987) a semiformação está presente nos mais variados cursos de formação. Os cursos de formação são realizados em diferentes formatos no Brasil, seja presencial, semipresencial ou online. Contudo, é preciso ter uma visão reflexiva sobre tais, para que sejam formações que levem a reflexão, para que as pessoas possam agir mais coerentemente com a sociedade.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) ao propor os itinerários formativos contribui para a o esvaziamento da formação cultural, pois não promove uma reflexão crítica do sujeito, mas sim uma formação que busca atender as demandas do capitalismo, além de desvalorizar os conteúdos das ciências humanas que contribuem pra formação integral da população.

Assim sendo, uma concepção educacional considerada como crítica é aquela capaz de contribuir com o processo de autorreflexão da formação das pessoas, mas que com o advento da indústria cultural se converteu em processo de semiformação. No processo de formação as críticas às ideologias presentes na sociedade são bastante comuns. Na formação o sujeito também deve ser capaz de fazer uma autocrítica e colaborar para a sua própria debilidade (ZUIN, 2001).

Deve-se ter o cuidado para não se deixar iludir pelo processo de industrialização da cultura, pois elas objetivam a regressão da capacidade do pensamento crítico humano e da reincidência da barbárie (ZUIN, 2001). A realidade marcada pelo uso das tecnologias digitais reforça a ideia de semiformação, ainda mais no auge do capitalismo neoliberal que avança em todas as dimensões sociais e individuais (PUCCI, 2018). O autor explica que:

[...] a semiformação parece ter assumido a forma de sistema, de uma organização fechada e coesa, que invade todos os setores da sociedade: o econômico, o mediático, o cultural, o tempo livre, o esportivo, o espiritual, o psicológico, o virtual. E a educação escolar se tornou uma de suas presas prediletas! (PUCCI, p. 16, 2018).

A formação escolar precisa lutar para uma formação continuada, que tenha uma sequência e não simplesmente a semiformação que acontece de forma rápida, desconexa, deslocada da realidade e com ausência do pensamento crítico. A formação é necessária e urgente. Não se pode pensar em formação quando a indústria cultural é influente sobre ela. Diante de tais reflexões pressupõe-se que a formação deve visar à emancipação.

Adorno e Horkheimer (1985) enfatizam que as constantes transformações são decorrentes constantes da vida social. As mudanças impactam constantemente na vida das pessoas. Para se adequar a novas realidades, a formação é elemento essencial. Neste processo a indústria cultural se insere para oferecer uma falsa formação aos sujeitos. Para Adorno e Horkheimer (1985) a indústria cultural não apenas adapta seus produtos as diversas classes, mas também determina o consumo e busca seu auge na disputa pelo capital. A indústria cultural impede o desenvolvimento do pensamento crítico e intelectual das pessoas, pois tudo envolve relações capitalistas e forças de trabalho.

O consumo e a produtividade estão entrelaçados entre si e revelam uma articulação entre a indústria cultural e as diferentes facetas do desenvolvimento capitalista. No momento de pandemia, vivido por grande parte da população mundial, a indústria cultural se tornou mais influente, principalmente nos meios digitais, pois as pessoas ficaram isoladas, e os meios digitais apresentaram-se como uma forma de propagar e divulgar seus produtos. Na educação, isso não foi diferente. O sistema capitalista e a indústria cultural se aproveitaram desses momentos de situações de crises na sociedade para aumentarem suas vantagens e ampliar seus lucros. Portanto, a indústria cultural se apresentou como uma prestadora de serviço. Acredita-se que:

Não se trata tanto para a indústria cultural de adaptar-se às reações dos clientes, mas sim de fingi-las. Ela as inculca neles ao se comportar como se ela própria fosse um cliente. Seria possível suspeitar que todo esse ajustamento, ao qual ela assevera obedecer também, é ideologia; as pessoas se

esforçariam tanto mais para se igualar às outras e ao todo, quanto mais empenhadas estivessem – através da igualdade exagerada, esse juramento público de impotência social – em participar do poder e em minar a igualdade. [...] A indústria cultural modela-se pela regressão mimética, pela manipulação de impulsos de imitação recalcados. [...] Ela consegue fazê-lo tanto melhor quanto mais, em um sistema estabilizado, ela pode contar de fato com tal assentimento, precisando muito mais repeti-lo de maneira ritual do que, a rigor, produzi-lo. O que ela produz não é um estímulo, mas um modelo para maneiras de reagir a estímulos inexistentes (ADORNO, 1993, p. 36).

Para Adorno (1985) a indústria cultural é a responsável por promover o processo de reprodução da sociedade contemporânea. A ideologia da indústria cultural não apenas reflete, mas também reproduz as convicções predominante, criando um ciclo de influência e conformidade. Esta forma de cultura fetichista estabelece padrões de consumo em larga escala, provocando e moldando comportamentos em massa. Pode-se dizer que a indústria cultural promove também o domínio pleno da criatividade. Diante da conjuntura apresentada, considera-se a contemporaneidade como auge do desenvolvimento da indústria cultural, isso porque tudo tem valor, tudo tem um preço de mercado, tudo tem um padrão predeterminado e padronizado pela lógica de consumo.

Historicamente tudo foi sendo moldado pela cultura e atualmente são determinadas pela lógica econômica do capitalismo. A indústria cultural determina até mesmo a forma do comportamento social do indivíduo. A tecnologia que deveria ser uma ferramenta de serviço humanidade se contrapõe, pois se torna uma tecnologia a serviço do capitalista, gerando exploração e alienação de classes.

### **Considerações finais**

A reflexão deste texto ressaltou a importância da educação como um instrumento fundamental na superação das crises sociais e na promoção de uma formação crítica e emancipatória. A educação enfrenta crises, que exigem a posturas de novos paradigmas para enfrentar os desafios expostos e responder

coerentemente as demandas de cada período histórico. A educação é capaz de desenvolver uma formação crítica e emancipatória capaz de superar as crises que atingem a humanidade, e superar as relações sociais que levam a barbárie.

O ambiente educacional é um local propício para a alienação do ponto de vista da indústria cultural, porém este mesmo é o local adequado para se combater às formas de disseminação de ideologias da semiformação. A semiformação pode ser combatida através do domínio do conhecimento pleno, voltado para a emancipação, pois a emancipação pressupõe independência e autonomia. Compreende-se a partir desta perspectiva que fica evidente a necessidade da construção de um pensamento educacional e filosófico de superação da alienação.

O desenvolvimento do pensamento crítico deve ser desenvolvido a toda sociedade, não se restringindo apenas na área de educação. O desafio da escola atualmente é romper com as barreiras impostas pela indústria cultural e promover a formação, capaz de formar o indivíduo crítico e desenvolver o pensamento reflexivo. É necessária uma formação que impeça que a educação seja uma mercadoria e que a semiformação se configure como inovadora e universal.

A monopolização da cultura como mercadoria impede que a apropriação da formação humana pelos sujeitos. A indústria cultural banaliza a formação e valoriza as formas de domínio de exploração das massas, assim com busca o domínio do mercado capitalista, explorando as pessoas através do trabalho, obtendo lucros excessivos. Não se pode pensar a cultura desvinculada da formação humana. Ambas precisam seguir no mesmo propósito para garantir que a formação humana seja para a emancipação. A formação para a emancipação deve ser o contraponto a ideologia dominante promovendo a autorreflexão.

A crítica à indústria cultural refere-se à condição da reorganização do capital, sob a égide que predomina a dimensão instrumental destinada à adaptação e ao conformismo. Outra crítica que se estabelece a indústria cultural é na tentativa de em sua hegemonia tentar converter a cultura em mero valor de troca. A contraposição à indústria cultural se dá por meio de uma formação que conscientize o sujeito, para que rompa com os laços de alienação, isto é, da educação para a emancipação.

A resistência aos modelos sociais educativos uniformes e padronizados é necessária para dar espaço ao pensamento reflexivo e criativo. No entanto, este processo não é simples, especialmente considerando o aparato tecnológico que ameaça os processos formativos e culturais. A semiformação busca a valorização do saber técnico em detrimento do pensamento filosófico, dificultando a reflexão mais profunda no campo da educação. A docência se transformou em técnica de aplicação de conhecimentos anteriormente produzidos pela sociedade, atende aos princípios de aumento da eficácia, mas dificulta nos espaços escolares. A formação vai se tornando esvaziada, impedindo a reflexão e produção do conhecimento. Para o combate a indústria cultural se faz através de lutas e o estabelecimento de uma formação que busca o desenvolvimento da consciência crítica e de resistência à barbárie.

### Referências

- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Adorno, T. W. *Educação e emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. *Mínima Moralia*. Reflexões a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. *Temas básicos da sociologia*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.
- Adorno, T. W. *Teoria da semicultura*. In: Educação & Sociedade. Ano XVII, n. 56, dezembro/1996.
- Adorno, T. W. *Teoria da semiformação*. In: Pucci, B.; Zuin, A. A. S.; Lastória, L. A. C. N. (Orgs.). Teoria crítica e inconformismos: Novas perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 2010.

Brasil. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

Horkheimer, M. *Eclipse da razão*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002, 192 p.

Horkheimer, M. “*Filosofia e teoria crítica*”. In: Adorno, T. L. W., & Horkheimer, M. Textos escolhidos. Trad. Zelko Loparić *et al.* 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 69-75.

Marcuse, H. *Ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: 4ª Ed, Zahar, 1973.

Marcuse, H. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. Tradução de Maria Cristina Vidal de Borba. São Paulo: Edunesp, 1999.

Marins, A. R. *Educar para o pensamento crítico: Um estudo sobre a teoria de Adorno aplicada à educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Pucci, B. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Organizadores: Zuin; A. Á. S.; Pucci, B.; Oliveira, N. R. Petrópolis – RJ: Vozes; São Carlos: Universidade Federa de São Carlos, 1997. 87-115.

Pucci, B. *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*. In: Pucci, B.; Franco, R.; Gomes, L. R. Teoria Crítica na era digital: Desafios. São Paulo, 2014. p. 47 - 60.

Pucci, B. *A ontologia da semiformação em tempos de neoliberalismo*. Veritas. Porto Alegre, v. 63, n. 2, maio - ago. 2018, p. 595 – 613.

Silva, I. F. *A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina*. Cronos, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

Zuin, A. A. S. Teoria Crítica - *Tecnologia, Violência, Memória*: diagnósticos críticos da cultura contemporânea. In: Luiz, A. C. N.; Cabot, M.; Zuin, A. A. S. (Org.). São Paulo: 1ª Ed, 2018. p. 193-205.

Zuin, A. A. S. (2014). A cultura digital, a semiformação e o novo elo pedagógico. *Revista Inter Ação*, 39 (2), 241-256. <https://doi.org/10.5216/ia.v39i2.31705>

Zuin, A. A. S. *Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural*. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 54, agosto/2001.